

OS ACADÊMICOS DE MEDICINA E OS 200 ANOS DA FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA (I): DA CRIAÇÃO DA ESCOLA EM 1808 À PARTICIPAÇÃO NA GUERRA DO PARAGUAI (1864-70)

THE ACADEMICS OF MEDICINE AND THE 200 YEARS OF THE BAHIA SCHOOL OF MEDICINE (I): OF THE CREATION OF THE MEDICAL SCHOOL IN 1808 TO THE PARTICIPATION IN THE WAR OF PARAGUAY (1864-70)

Ronaldo R. Jacobina, José Castellucci, Emerson Pinto, Eliane Maria Noronha Melo
Faculdade de Medicina da Bahia – FMB, UFBA; Salvador, BA, Brasil

A historiografia tradicional acostumou-se a valorizar a atuação dos grandes dirigentes e personalidades de renome nos fatos que marcaram a história. Em se tratando dos 200 anos da Faculdade de Medicina da Bahia é verídico se pensar que catedráticos, lentes e professores titulares foram memorados como protagonistas de todos os episódios desse período, na maior parte das publicações. O presente artigo, todavia, apoiado nos princípios que norteiam a moderna historiografia, busca nos estudantes, como agentes coletivos ou em seus destaques individuais, atuações significativas em acontecimentos, tais quais a epidemia de cólera morbo que assolou o Recôncavo baiano em 1855/56 e a Guerra do Paraguai (1865-1870). Nesse último evento, a pesquisa ressaltava nomes como os de José de Teive Argollo e José Alves de Melo, jovens estudantes cujas atuações foram dignas de condecorações e menções honrosas, mas que praticamente não haviam sido descritas em publicações científicas, até então. Outro destaque foi o registro de um acadêmico desde a fundação da Escola Tropicalista Bahiana, Antônio Pacífico Perreira, sempre lembrado como redator e catedrático.

Palavras-chaves: História da Medicina Baiana, estudantes de Medicina, Faculdade de Medicina da Bahia, UFBA.

Traditional historiography uses to overestimate the performance of the great leaders and of well-known personalities in remarkable historical facts. Concerning the 200 years of the Faculdade de Medicina da Bahia, it's valid to suppose that teachers, lecturers and full professors were remembered as the protagonists of all episodes in this period, in the majority of the formal publications. This paper, based on the principles that enlightens modern historiography, seeks in the students, as collective agents or as individual highlights, relevant performances in events like the cholera morbo epidemics that affected the Recôncavo region in 1855/56 and the War against Paraguai. From that war, the present study singled out the names of José de Teive Argollo and José Alves de Melo, young students whose performance deserved commendations and honorific titles that have not been mentioned in the scientific literature, so far. Other remarkable student was Antônio Pacífico Pereira, always reminded as a founder of the Escola Tropicalista da Bahia who became editor of the Gazeta Médica da Bahia.

Key words: History of Medicine of Bahia, students of Medicine, Bahia School of Medicine, UFBA.

Em geral, quando se analisa a história de uma instituição de ensino, o foco se volta predominantemente, quando não exclusivamente, para os acontecimentos protagonizados pelos dirigentes e seus agentes mais renomados, no caso de uma escola de ensino superior, os dirigentes e os professores mais titulados, como os lentes, catedráticos ou professores titulares.

Ao tomar como diretriz uma conclusão do filósofo Walter Benjamin, segundo a qual “é mais árduo honrar a memória dos sem-nomes do que a dos renomados” (p.275)⁽²⁾, este trabalho segue um caminho mais árduo, ao buscar descrever e analisar o papel do Acadêmico de Medicina como sujeito na

história da Faculdade de Medicina da Bahia, escola médica primaz do Brasil.

Como parte de estudo exploratório na longa duração desses dois séculos, realizado predominantemente de modo panorâmico, usa-se a média e mesmo a curta duração do tempo histórico⁽³⁾, com análises de conjunturas e, nos sub-períodos analisados, alguns acontecimentos excepcionais. A presente pesquisa dá ênfase aos processos onde os estudantes agiram como sujeitos coletivos, mas busca também identificar os principais destaques individuais, as lideranças, os intelectuais orgânicos desse segmento ocupacional; contudo, não deve nunca ser esquecido que esse agrupamento social como um todo e, em especial, o estudante do ensino superior, desenvolveu formas organizadas de atuação na sociedade civil brasileira, tanto no período monarquista quanto no republicano.

O objetivo deste trabalho é o de descrever e analisar os fatos, nos quais os acadêmicos da Faculdade de Medicina da Bahia (FMB) se destacaram como sujeitos ou atores relevantes, no período que vai da criação da Escola, em 1808, até o final da guerra do Paraguai (1870).

Recebido em 06/11/2007

Aceito em 15/03/2008

Endereço para correspondência: Prof. Dr. Ronaldo Ribeiro Jacobina. Mestrado em Saúde, Ambiente e Trabalho - MSAT (do Departamento de Medicina Preventiva e Social da Faculdade de Medicina da Bahia - Universidade Federal da Bahia). Largo do Terreiro de Jesus (Centro Histórico), 40025-010 Salvador, Bahia, Brasil. C-e-lo: <jacobina@ufba.br>.

Fonte de financiamento: FAPESB-Programa Primeiros Projetos-PPP.

Gazeta Médica da Bahia

2008;78: 1(Jan-Jun):11-23.

© 2008 Gazeta Médica da Bahia. Todos os direitos reservados.

I – Da criação da Escola de Cirurgia à sua transformação em Faculdade de Medicina da Bahia (1808-1832)

A Escola de Cirurgia, criada em 18 de fevereiro de 1808, funcionou de modo muito rudimentar nos seus primeiros anos, segundo um dos seus memorialistas, Malaquias Álvares dos Santos (1810-1856), autor da Memória histórica referente ao ano de 1854⁽³⁶⁾. Com menos de oito anos a escola já necessitou de sua primeira reforma, com a carta régia de 29 de dezembro de 1815.

Nessa reforma, o sistema de ensino médico mudou, aumentando o curso de quatro para cinco anos de duração e de três para cinco cadeiras⁽²⁵⁾. O principal responsável pelas mudanças foi o Conselheiro Manuel Luiz Álvares de Carvalho, baiano, físico-mor e Diretor geral dos estudos médico-cirúrgicos do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarve⁽³⁶⁾.

Em relação aos estudantes, a matrícula no curso passou a exigir o saber ler e escrever, o que fica implícito que, nos primeiros oito anos, era possível um analfabeto fazer o curso médico. Foram introduzidas outras exigências: conhecer línguas estrangeiras, em especial francês e inglês; e os que sabiam latim e geometria podiam ir direto para o 2º ano⁽³⁶⁾.

O primeiro período da Escola de Cirurgia (1808-1815) foi tão crítico para os acadêmicos de medicina que alguns deles tornaram a se matricular em 1816, quando começou a funcionar o Colégio Médico-cirúrgico, com as mudanças da carta régia do final de 1815.

O segundo período do ensino médico na Bahia, que se inicia em 1816 após a reforma de dezembro de 1815, termina com a reforma de 1832. É o período do Colégio (ou Academia) Médico-cirúrgico(a). Houve melhora com a reforma, demonstrada com o fato de alguns alunos terem novamente se matriculado no curso do início, que passou a contar com a dissecação de cadáveres, prática essencial para o método anátomo-patológico, graças ao empréstimo dos instrumentos pelo Hospital Real Militar, em maio de 1816⁽³⁶⁾. As condições de ensino, contudo, eram ainda muito precárias, pois os estudantes tinham aulas, não mais no antigo Colégio dos Jesuítas, no Terreiro de Jesus, mas no Hospital São Cristóvão (da Caridade) pertencente à Santa Casa de Misericórdia. Conforme descrição do professor Malaquias, o Colégio “se achava em um corredor da casa da Santa Misericórdia dividido em 3 pequenas salas, das quais uma inutilizada por servir de passagem para outras repartições da mesma Santa Casa, e tendo por anfiteatro de dissecações e operações 1 pequeno quarto escuro compreendido na enfermaria mais baixa do mesmo hospital”(p.7)⁽³⁶⁾. Não pode passar despercebido que o mesmo local para dissecação de cadáveres, um pequeno quarto escuro na enfermaria mais baixa do hospital da caridade, era o local de operações.

Para o professor Malaquias Santos, houve “uma palma de glória” para a Escola e depois Colégio, nesses dois períodos iniciais. Segundo esse primeiro memorialista da FMB, a Escola preparou os seus acadêmicos para que servissem “na gloriosa luta da independência”, como “médicos e publicistas”(p.5)⁽³⁶⁾. ‘Publicista’ aqui como aquele que escrevia para a imprensa,

como um jornalista na prática. Muito mais que o grito de D. Pedro I no Ipiranga, a independência foi conquistada numa guerra com um heroísmo memorável, travada principalmente na Bahia, simbolizada no dia 2 de Julho de 1823⁽³⁸⁾.

Apesar das dificuldades de identificar os estudantes nessa luta devido a inexistência de registro dos alunos matriculados, como lamenta Malaquias Santos⁽³⁶⁾, encontram-se referências na memória histórica de 1942 de Eduardo de Sá Oliveira⁽²⁵⁾ da participação de dois lentes, participação, fique claro, antes da docência: Manuel Maurício Rebouças (1800-1862), “na qualidade de cidadão, sobretudo nas lutas da Independência, [quando] mostrou-se de um heroísmo extraordinário”(p.138) e João Antunes de Azevedo Chaves (1805-1873), condecorado na campanha da Independência (p.160).

Reis⁽³³⁾, em seu cuidadoso estudo “A morte é uma festa”, cita fontes que garantem a condecoração de Manuel Maurício por bravura nas lutas da Independência. Rebouças, com 24 anos foi para França, onde passou sete anos e se formou em Medicina. Ao retornar, tornou-se professor de Botânica da FMB, em 1831. Se Rebouças na luta da independência era um escrevente de cartório, Azevedo Chaves, pela idade, tinha 18 anos em 1823, se destacou muito provavelmente na condição de estudante, pois só em 1833 ele se tornaria lente de Clínica Externa⁽²⁵⁾. Pelo menos há este nome para exemplificar o acadêmico de medicina na luta pela independência do Brasil na Bahia, uma vez que a FMB, como foi referido pelo seu primeiro memorialista, não tem praticamente registros dos primeiros anos, sobretudo sobre os estudantes.

Ainda tendo como fonte a primeira memória histórica de Malaquias Santos, há o esforço do memorialista em identificar alunos que fizeram o curso na Bahia, de 1808 a 1832. Ele constatou que alguns dos médicos formados aqui buscaram se aperfeiçoar na Europa. Dos alunos desses primeiros anos, cita os seguintes nomes: José Alves do Amaral, Francisco Gomes Brandão, Antônio José de Souza e Aguiar, Manoel José Bahia e Francisco Sabino Alves da Rocha⁽³⁶⁾. Dentre os nomes citados, só o primeiro não se tem outra referência. O segundo tornou-se mais tarde Visconde de Jequitinhonha. Os dois seguintes fizeram parte da primeira organização do serviço médico do Exército brasileiro na campanha da Independência, feita pelo coronel José Joaquim de Lima e Silva, ao substituir o General Labatut no comando geral. Lima e Silva nomeou os médicos Antônio de Souza Aguiar para cirurgião-mor da 3ª Brigada e Manuel Bahia da 4ª. O serviço ficou sob o comando de Antônio Policarpo Cabral, nomeado 1º médico do Exército⁽⁴⁰⁾. Formado na Universidade de Coimbra, Cabral foi o primeiro Lente aprovado por concurso da FMB, em 1831, para a cadeira de Química, sendo nomeado e transferido para a de Clínica Interna em 1833. “Graças à orientação progressista do Dr. Policarpo Cabral”, a Congregação aprovou a proibição do uso de apostilas nas aulas (p.139)⁽²⁵⁾.

O último nome da lista feita pelo memorialista Malaquias Santos foi um rebelde de muitas lutas, uma delas batizada com

seu nome. Doutor Sabino (1797-1846), com três anos de formado e na condição de cirurgião-mor do Exército, participou na luta da Independência, na batalha de Itaparica em janeiro de 1823. Logo após a Independência, foi acusado de insubordinação e preso por ordem do próprio General Pedro Labatut. Defendeu a convocação de uma Assembléia Constituinte para elaborar uma Constituição⁽³⁹⁾. Rebelde desde os tempos escolares, em fevereiro de 1822, ele se uniu aos oficiais brasileiros que se opuseram a entrega do comando das armas ao brigadeiro português Madeira de Melo em substituição ao brasileiro Pedro de Freitas Guimarães. Em 1824, apoiou a revolta dos Periquitos, um famoso batalhão de mulatos que se recusou a reprimir o movimento federalista de Pernambuco⁽³²⁾. Em 1833, como publicista, escrevia no 'Novo Diário da Bahia' e chegou a editar o jornal 'O Investigador Brasileiro', com críticas ao poder local e central. Seu nome se destaca, sobretudo, pela sua liderança no movimento armado de 1837 em Salvador. Os historiadores consideram a "Sabinada" uma das revoltas separatistas do período da Regência. Para Tavares⁽³⁹⁾ essa revolta, ocorrida na Província da Bahia de 6 de Setembro de 1837 a 16 de Março de 1838, foi uma luta em defesa do sistema federalista, que buscava a maior autonomia das províncias. Com a derrota militar em março de 1838, Doutor Sabino foi preso e condenado ao desterro, tendo morrido no interior de Mato Grosso. Bissexual, mulato e com vida pessoal tumultuada, que envolve a morte da esposa e de um adversário, em alguns estudos a sua vida pessoal ganha mais destaque que sua ação como um constitucionalista em defesa do ideal federalista.

Já os que lutaram na condição de docentes, encontra-se referência aos dois primeiros diretores da FMB. José Avelino Barbosa (1768-1838), lente de Higiene, desde 1816, "partidário ardoroso da Independência, desempenhando papel relevante nas terríveis lutas que se travaram neste estado, pela liberdade do povo brasileiro"(p.391)⁽²⁵⁾. O outro destaque foi José Lino Coutinho (1784-1836), deputado às Cortes de Lisboa e depois Lente de Patologia Externa (p.389).

Há um registro que faz referência ao episódio envolvendo a comemoração de 2 de Julho e o lente memorialista citado, Malaquias dos Santos, egresso da FMB, formado em 1839, com a tese inaugural intitulada "O estudo da física, quer experimental, quer analítica, é essencial à instrução médica" (p.131). Na véspera de um 2 de julho, à noite, em 1855, "quando entusiasmados pela recordação das glórias da pátria, atravessavam o Terreiro os batalhões patrióticos em marcha para a Lapinha, de uma das janelas da Escola deu o digno lente Sr. Dr. Malaquias o magnífico espetáculo da luz elétrica, admirável fenômeno, cujo ensaio, não me consta, já fosse feito por alguém no Brasil"(p. 10)⁽¹⁴⁾. Estudos históricos sobre a energia elétrica confirmam este fato^(18 41). O historiador Cid Teixeira⁽⁴¹⁾ o destaca como precursor, mesmo considerando equivocadamente que o fato aconteceu em 1885 e não em 1855, trinta anos antes, como pode ser verificado na memória histórica de Manoel Dantas de 1855 referida acima.

O Dr. Malaquias Santos foi aluno da FMB, tendo se formado em 1839. Dois anos depois, ele se tornou docente: Lente substituto de Ciências Acessórias (1841-1855), Física inclusive, e Lente proprietário de Medicina Legal a partir de 1855⁽²⁵⁾.

Esse episódio serve para registrar uma tradição não só de professores, mas também de estudantes da FMB, qual seja, o de saudar o cortejo comemorativo do "2 de Julho", seja na passagem do Terreiro de Jesus para a Lapinha, como se fazia antigamente, seja na caminhada da Lapinha para a Câmara municipal, passando no Terreiro e indo até o monumento 2 de Julho no Campo Grande, como ocorre atualmente. Vale registrar que esta saudação estava esquecida e foi retomada recentemente, seguindo indicação do diretor Prof. José Tavares-Neto em 2003.

De volta à análise dessas duas primeiras fases da escola médica, Santos⁽³⁶⁾ considera que a criação das Faculdades de Medicina da Bahia e do Rio de Janeiro, cujo significado foi a oficialização pelo Reino de Portugal do ensino superior no Brasil, juntamente com a abertura dos Portos e "a libertação da indústria", esses três feitos concorreram para "dar aos Brasileiros o conhecimento de sua soberania e para dar a uma nação o reconhecimento de sua nacionalidade" (p. 5).

O terceiro período se inicia com a lei de 3 de outubro de 1832, que transforma o Colégio Médico-cirúrgico em Faculdade de Medicina da Bahia (FMB) e amplia o curso para 6 anos⁽³⁶⁾ e termina com a derrubada do regime monárquico no Brasil em 15 de novembro de 1889. Nesse período mais longo, destacam-se três acontecimentos que servem para ilustrar o papel dos estudantes de medicina como sujeitos na história da faculdade: 1º - a participação dos acadêmicos e professores na Guerra do Paraguai; 2º - a participação na campanha abolicionista; e 3º - a luta pela proclamação da República.

Dos três acontecimentos históricos acima referidos, apenas o primeiro é abordado neste artigo, mas antes desse envolvimento da FMB nessa luta, que foi juntamente com a guerra civil nos EUA, as duas maiores guerras no continente americano⁽²³⁾, destacar-se-á o papel da faculdade, através de seus professores, mas, sobretudo, dos estudantes em uma outra luta que foi o combate à epidemia do cólera morbo na Bahia.

A FMB e a Epidemia de Cólera na Bahia

Essa foi uma pandemia que chegou a Bahia em julho de 1855, começando pelo bairro do Rio Vermelho em Salvador, espalhou-se pelos outros bairros e atingiu vários municípios, principalmente do Recôncavo, em especial as cidades de Cachoeira e Santo Amaro, diminuindo sua intensidade no ano seguinte, em 1856⁽¹⁵⁾.

A FMB, através de sua Congregação, já vinha discutindo medidas, como o uso da quarentena, a remoção do lixo na cidade, entre outras, a pedido do governo provincial. Quando a epidemia eclodiu, ela suspendeu suas atividades, em 4 de setembro de 1855, assumindo a direção de muitos postos sanitários na capital e enviando professores e estudantes para

idades do interior. As atividades acadêmicas foram retomadas em 14 de novembro do mesmo ano⁽³⁴⁾.

As tarefas eram a de socorrer os doentes e as inumações dos cadáveres. Levavam remédios e substâncias para desinfetar as casas onde ocorriam óbitos. Uma dessas comissões partiu em 14 de agosto de 1855 para Cachoeira, composta de três médicos e quatorze alunos, pois os médicos e as autoridades do município tinham abandonado seus postos e funções. Um dos médicos adoeceu e quatro dias depois, junto com os outros dois médicos e os alunos se retiraram da cidade. Uma nova comissão veio com dois professores da FMB, Pedro da Fonseca Mello e Justino José Soares.

Entre os membros da faculdade que faleceram no combate à epidemia de cólera, identificamos os dois professores acima referidos, Pedro Mello e Justino Soares e onze acadêmicos⁽¹⁵⁾: Euclides de Barros Seixas, José Rebello de Figueiredo e Francisco José de Medeiros, do 2º ano do curso médico; Alcebiades Firmo Botelho, do 3º ano; Elpídio Canuto da Costa, Américo Silvestre de Faria e José Ribeiro de Carvalho, do 4º ano; Antonio Cardoso, do 5º ano; Joaquim da Costa Chastinet e Antonio Vaz de Carvalho, do 6º ano⁽¹⁴⁾.

Em Santo Amaro, outro município do recôncavo baiano flagelado pela epidemia, destacou-se a atuação do médico e ex-aluno da FMB Cypriano Barbosa Bettamio, que tomou uma série de medidas para a desinfecção da cidade, em especial a incineração dos cadáveres insepultos. Cypriano Bettamio, que tem seu desempenho descrito no trabalho de Wanderley Pinho⁽³¹⁾, faleceu nesse combate ao cólera.

Seguindo o objetivo deste trabalho de dar os nomes daqueles membros da FMB, professores e principalmente estudantes, que foram sujeitos nos acontecimentos históricos, destacamos entre os docentes no combate à epidemia: José de Góes Siqueira (1816-1874), que atuou como inspetor de saúde pública, mas em 1855, tornou-se lente de Patologia geral; Antônio de Cerqueira Pinto (1820-1895), professor substituto em 1855, depois lente de Química Orgânica; e Joaquim Antônio de Oliveira Botelho (1827-1869)⁽²⁵⁾, que prestou, como médico enviado pela Comissão de Higiene Pública, serviços em Cachoeira⁽¹⁵⁾. Depois, ele também se tornaria lente de Matéria Médica e Terapêutica (de 1861 a 1869) e teria participação destacada na guerra do Paraguai, como será visto adiante. Segundo Oliveira⁽²⁵⁾, o Dr. Joaquim Botelho recebeu da população agradecida uma medalha de ouro pela sua dedicação no combate à epidemia. Os três lentes foram alunos da FMB: Siqueira se formou em 1840, Pinto em 1842 e Botelho em 1850.

Nesse episódio, merece destaque a crítica de acadêmicos que estavam na linha de frente. Um grupo de doze alunos de Medicina, que trabalhavam em Cachoeira, censurou o governo provincial pela demora na ajuda e pela falta de autoridade no município. Consideraram ‘falta de energia’ nos homens “*que mais alto estão collocados*”. Eles criticavam sob a forma de indagação o porquê do governo não se apressar em levar o socorro a todas as cidades e vilas, em especial no litoral, que

poderiam ser também atacadas pela epidemia. Este registro é importante, pois eram críticas daqueles que estavam no cenário da trágica epidemia que ceifou muitas vidas, inclusive de dois mestres e de vários estudantes que atuavam no combate da epidemia. Mas também porque a fonte é um documento primoroso de um estudante da FMB, o paraibano Antônio da Cruz Cordeiro, que escreveu provavelmente o primeiro trabalho sobre aquela epidemia de cólera na Bahia, com o título “Impressões da Epidemia”, publicado logo depois desse trágico acontecimento, em 1856 (p.18)⁽¹⁵⁾.

David⁽¹⁵⁾ destaca um pensamento elitista do acadêmico, citando sua confissão no livro, quando, aliviado com o recuo da epidemia em novembro de 1855, disse Cordeiro (*apud* David)⁽¹⁵⁾: “e nós ficamos livres do fardo, que nos humilhava perante essa gente ignorante”(p.18). Porém, através desta obra, constatamos a relevância deste testemunho, pois foi a de quem se engajou na luta, correu riscos e registrou, como estudante, suas impressões de uma epidemia que adoeceu e matou muitas pessoas.

O historiador Antônio Loureiro de Souza, em seu livro “Baianos ilustres”⁽³⁷⁾, destacou o nome do médico Alexandre José de Barros Bittencourt (1831-1911) no combate a epidemia de cólera. Ele atuou no combate a epidemia como acadêmico, tendo defendido sua tese inaugural – *Do contágio da infecção e sua diferença* - em 1856.

Santos⁽³⁶⁾ e Fonseca⁽¹⁹⁾ consideram um marco na história da FMB a reforma no ensino médico de 1854, que, entre outras medidas, instituiu a elaboração anual das memórias históricas das faculdades de medicina do Império. Para Santos, o ano de 1854 encerra a 3ª fase da escola médica. Para Fonseca, essa fase basicamente de ensino teórico iria até a reforma de 1882, onde, segundo ele, o ensino médico ganha com o Decreto de 19 de abril de 1879, tornado Lei em 30 de outubro de 1882, as bases legais para o desenvolvimento de um ensino mais prático.

Antes de analisar de modo mais detalhado a campanha no Paraguai - o mais relevante acontecimento histórico dessa terceira fase da FMB, de 1854 a 1882 -, registre-se ainda a visita do Imperador Pedro II à Bahia, em 1859, pois temos um testemunho onde o monarca erudito relata no seu diário as aulas que assistiu na FMB nos dias 10 e 11 de outubro. Era diretor da FMB o Prof. João Batista dos Anjos, que, quando estudante, foi também Porteiro do Colégio Médico-cirúrgico e estudante, tendo se formado em 1827. Ele se tornou lente de Higiene em 1839 e sua gestão como diretor foi de 1857 a 1871⁽²⁵⁾. Teixeira⁽⁴²⁾ afirma que o Imperador não merece crédito em matéria de Medicina, embora reconheça a sutileza e a propriedade de seus comentários (p.98). Ora, nos seus registros, fica claro seu domínio não só no campo das ciências naturais em geral, como botânica, zoologia, astronomia, mas também de anatomia e outros saberes biomédicos.

Pedro II⁽²⁹⁾ tem uma apreciação crítica dos vários docentes da escola (p.84-94). Chegou mesmo a considerar muitos dos expositores como medíocres, mas também fez elogios para alguns lentes como o sergipano Manuel Ladislau Aranha

Dantas (1817-1875), de Patologia externa; o jovem Francisco Rodrigues da Silva (1830-1886), Química orgânica e depois de Medicina Legal; Vicente Ferreira de Magalhães (1799-1876), de Física médica; Salustiano Ferreira Souto (1814-1887), de Medicina Legal; e o inglês Jonathan Abbott (1797-1868) de Anatomia descritiva, que, segundo José Valadares (*apud* Pedro II, nota 152)⁽²⁹⁾, foi servente do Colégio Médico-Cirúrgico de 1816 a 1820, período que, sem abandonar o emprego, fez o curso médico. O imperador ficou admirado com o gabinete anatômico de Abbott, concedendo-lhe a comenda de Cristo, no final da viagem. Fiel ao nosso objetivo de identificar o papel de sujeito do acadêmico nesses 200 anos da FMB, cabe aqui registrar que um aluno impressionou o visitante ilustre. “O sextanista Joaquim Andrade Muniz Barreto foi o estudante que me pareceu ter respondido melhor à cabeceira do seu doente” (p.86)⁽²⁹⁾. Uma nota de pé de página retifica o nome do acadêmico baiano Joaquim Augusto e não Andrade, nascido em 1834⁽²⁹⁾.

Depois desse registro, retomemos a cronologia dos principais acontecimentos históricos para descrever e analisar o papel da FMB, e os estudantes em especial, numa das mais sangrentas guerras no continente americano.

II - Acadêmicos e Lentos da FMB na Guerra do Paraguai

A guerra do Paraguai, de 1864 a 1870, foi o mais sangrento conflito no continente sul-americano. Morreram aproximadamente 130 mil pessoas dos quatro países envolvidos (Paraguai, Brasil, Argentina e Uruguai). O Brasil enterrou nos campos de batalha um total de 614 mil contos de réis, equivalente a onze anos do orçamento imperial, resultando num déficit público que se arrastaria pelos vinte anos seguintes.

Nas décadas de 60 e 70 do século XX, ganhou espaço a interpretação de que a causa da Guerra do Paraguai foi o imperialismo inglês, que teria utilizado o Segundo Império do Brasil e as Repúblicas da Argentina e do Uruguai para destruir um modelo de desenvolvimento autônomo do Paraguai⁽⁶⁾. Segundo o escritor paraguaio Guido Alcalá⁽¹⁾, cientistas sociais vinculados à teoria da dependência viram no general Solano López um herói antiimperialista (p.37)⁽¹⁾. Estudos desenvolvidos a partir de 1980, entretanto, revelaram que os conflitos na área tinham raízes no processo de construção e consolidação dos Estados nacionais, onde os determinantes internos foram tão importantes quanto os externos⁽¹⁷⁾. O Paraguai tinha uma economia agrícola, atrasada, e López estava longe desse herói antiimperialista, sendo um ditador animado pela sede do poder. O governo paraguaio mantinha boas relações com a Inglaterra, tendo contratado técnicos ingleses para modernizar suas instalações militares. O Brasil, ao contrário, teve na época atritos com o governo britânico, tendo rompido relações diplomáticas em maio de 1863, que só foram restabelecidas em setembro de 1865, com o recuo dos ingleses.

Houve também os interesses expansionistas na área, sobretudo do Brasil, com a questão do Mato Grosso, em litígio com o Paraguai, e da Argentina, que buscava se consolidar como uma república, unificada em 1862. O Paraguai buscava

ampliar sua inserção no comércio internacional e necessitava de um porto marítimo para exportar os produtos primários. Nessa nova etapa, o governo argentino resistia a conceder facilidades comerciais ao Paraguai, que queria manter praticamente sem custo o acesso ao porto de Buenos Aires. Com a dificuldade desse acesso o governo de Solano López teve como alternativa o porto de Montevideu no Uruguai. O Uruguai era um país dividido entre os “blancos”, no poder, e os “colorados” de Venâncio Flores na oposição. Os argentinos, embora se dissessem neutros, apoiavam os colorados, que chegaram a se organizar militarmente em território argentino. O governo “blanco” buscou apoio no ditador Solano López e nas províncias dissidentes argentinas (Corrientes e Entre Rios).

Mesmo fragilizado, o governo uruguaio tomou medidas que contrariavam interesses brasileiros, não renovando em 1861 um tratado de comércio e navegação que vigorava desde 1850, e instituiu um imposto sobre as exportações de gado que atingia os interesses dos fazendeiros gaúchos com propriedades no país vizinho. Embora as questões regionais devam ser levadas em conta, porém as influências externas não podem ser ignoradas. Em junho de 1864, representantes dos dois partidos uruguaio, “blancos” e “colorados”, sob a mediação do Império brasileiro, através do conselheiro José Antônio Saraiva, da República Argentina, com o chanceler argentino Rufino de Elizalde e do império britânico, representado por Edward Thornton, assinaram um acordo de paz. O presidente uruguaio Aguirre recusou o acordo. Isso abriu espaço à intervenção armada. Com o pedido dos fazendeiros gaúchos, o Império autorizou a invasão do Uruguai pelo vice-almirante Tamandaré. O vice-almirante assinou um acordo de paz com o general colorado Venâncio Flores. Como resposta, Solano López ordenou a apreensão do vapor brasileiro “Marquês de Olinda”, em 12 de novembro de 1864 e, em seguida, invadiu o Mato Grosso. Era o início desse sangrento conflito, que mobilizou tropas de todas as regiões do Império. O Brasil a Argentina e o Uruguai, já unificado sob o comando colorado, formaram a Tríplice Aliança contra o Paraguai de Solano López (16 17).

Os estudiosos dividem a guerra em quatro etapas. Adotamos aqui uma divisão que mescla informações presentes nos textos de Bueno⁽⁵⁾ e de Bonalume Neto⁽⁴⁾:

1ª – a ofensiva paraguaia: começou em novembro de 1864, com a apreensão do vapor brasileiro em Assunção. Em dezembro, ocorreu a invasão de Mato Grosso, depois, em janeiro de 1865, a invasão na província de Corrientes, Argentina, onde Solano López esperava ser apoiado pelos dissidentes argentinos (o que não ocorreu) e, por fim, a invasão do Rio Grande do Sul (São Borja e Uruguaiana), em junho de 1865;

2ª – A reação dos aliados: começou em maio de 1865 com a formação da Tríplice Aliança. Em junho, deu-se a Batalha de Riachuelo, quando a esquadra brasileira derrotou a paraguaia. Começou então a invasão do Paraguai, com destaque para a batalha de Tuiuti, em maio de 1866, onde o exército paraguaio

perdeu 12 mil homens. Em contrapartida, em Curupaiti, os aliados sofreram uma derrota ao tentar tomar essa fortaleza que tinha sido equipada por engenheiros do exército brasileiro, com grandes perdas entre os argentinos e uruguaios. A epidemia de cólera de 1866 a 1867 assolou o exército aliado, matando somente entre os brasileiros em torno de 4 mil soldados;

3ª – O comando de Caxias no final de 1866: a tentativa de retomada do Mato Grosso em maio-junho de 1867, resultou numa derrota do exército brasileiro, sendo forçado a “retirada de Laguna”. Caxias reorganizou o exército e retomou a ofensiva, conseguindo vencer o epicentro defensivo do exército paraguaio, simbolizado na fortaleza de Humaitá, numa luta que durou de abril de 1866 até a vitória em agosto de 1868. Em dezembro de 1868, ocorreu a “dezembrada”, uma sucessão de vitórias de Caxias: de 4 de dezembro com Itororó, depois Avaí, Lomas Valentinas e, por fim, em 30 daquele mês, a tomada de Angostura. Em janeiro de 1869, Caxias entrou em Assunção, mas em março, doente, retirou-se da guerra, já praticamente ganha; e

4ª – O comando do Conde d’Eu, em março de 1869: ocorreu a batalha de Acosta Ñu ou a Batalha de Campo Grande, com o exército paraguaio, já com jovens e até crianças. A luta de guerrilhas continuou até a morte de Solano López em Cerro Corá, em março de 1870.

Profeticamente, o Barão de Mauá disse: “a maldita guerra será a ruína do vencedor e a destruição do vencido”(p.217)⁽⁵⁾. Em relação aos vencedores, o Brasil e a Argentina saíram da guerra endividados aos bancos ingleses, com milhares de soldados mortos e outros milhares de feridos e sem grandes conquistas territoriais. O Uruguai não contraiu dívidas, mas perdeu mais de mil homens e não teve nenhum ganho territorial. Por fim, em relação ao vencido, estudos contemporâneos feitos nos EUA e Alemanha calculam que o Paraguai perdeu 70% da população na guerra, não só nas batalhas, mas também de doenças e fome (p.27)⁽⁴⁾. A nação foi destroçada, perdeu mais da metade da população masculina adulta, calculada em torno de 90 mil mortos. Sem dúvida teve heroísmo dos dois lados, mas foi uma guerra trágica, “maldita”.

Como parte desse heroísmo, entre nós, temos que registrar, primeiramente, a participação dos escravos e libertos, entre os “voluntários da Pátria”, geralmente colocados na frente de batalha, para realizar as piores tarefas^(5 35). Os escravos, em sua maioria, foram libertados mediante indenização pelo governo imperial, mas houve também os ‘gratuitos’ e os ‘substitutos’, que foram no lugar dos senhores escravocratas e de seus filhos, na esperança de obter em troca sua liberdade⁽³⁵⁾.

O ataque ao território brasileiro sem prévia declaração de guerra gerou indignação e forte sentimento de patriotismo. O recrutamento, que era difícil, passou a ser intenso depois da invasão às províncias de Mato Grosso e do Rio Grande do Sul. Um decreto imperial de 7 de janeiro de 1865 criou o Corpo de Voluntários da Pátria⁽²¹⁾, que, junto com o Exército de linha e a Guarda Nacional, formaram uma poderosa força nacional.

Uma pequena mais significativa colaboração foi a dos professores e estudantes da FMB entre os “voluntários da pátria”. Conforme registro da Memória histórica de 1865, do professor Jerônimo Sodré Pereira, que, no ano seguinte, também seria voluntário na guerra, naquele ano de 1865, “ávidos de prestar socorros de sua profissão aos nossos irmãos, que defendem no sul do Império nossa integridade e honra nacionais”(p.4)⁽³⁰⁾, partiram para a guerra dezesseis acadêmicos de Medicina, do 4º, 5º e 6º anos, três estudantes farmacêuticos (2º e 3º anos) e dois lentes – Luiz Álvares dos Santos e Francisco Rodrigues da Silva.

Na *Gazeta Médica da Bahia*, em julho de 1866, há também o registro dessa participação, na primeira página, com o título “Partida de médicos para o exército”. Confirmando os dados acima, refere-se aos professores e seus briosos discípulos que desde o início do conflito foram prestar serviços médicos no Paraguai, “em socorro dos seus compatriotas afflictos, ou pela moléstia, ou com os membros dilacerados em defeza da honra nacional”(p.13)⁽²⁷⁾. Entre esses primeiros voluntários de 1865, como dito acima, estavam Francisco Rodrigues da Silva, Lente de Química Mineral (1858); e Luiz Álvares dos Santos, Opositor da Seção Médica (1861). A *Gazeta* citava também os professores Joaquim Antônio de Oliveira Botelho, Lente de Matéria Médica e Terapêutica (1861); e Antônio Mariano do Bonfim, Lente de Botânica e Zoologia (1862). O memorialista Eduardo Oliveira registra que foi o professor Joaquim Botelho quem concebeu a idéia e promoveu a criação dos hospitais flutuantes na guerra⁽²⁵⁾.

Naquele momento, em meados de 1866, novos docentes e estudantes responderam ao apelo feito pelo governo imperial, representado pelo professor Antônio Bonfim, que veio do ‘teatro da guerra’ pedir auxílio diante do agravamento do estado sanitário das tropas⁽²⁷⁾, assolada pela epidemia de cólera, como já descrito brevemente acima.

Entre os novos voluntários destacaram-se os professores: o Conselheiro e Cirurgião Manoel Aranha Dantas, Lente de Patologia Externa (1837); Rozendo Aprígio Pereira Guimarães, Opositor de Ciências Acessórias (1859); Domingos Rodrigues Seixas, Lente Proprietário de Higiene e História da Medicina (1858); Antônio Januário de Faria, Lente de Clínica Interna (1864); Jerônimo Sodré Pereira, Lente de Fisiologia (1865); e os Opositores Augusto Gonçalves Martins, Pedro Ribeiro d’Araújo, Domingos Carlos Silva. No Quadro 1, são citados os professores da FMB participantes da campanha. Observa-se que, exceto José Antônio Freitas, formado na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, todos os outros professores foram também alunos da escola *mater* da medicina brasileira.

Depois de citar nominalmente os docentes, o artigo da *Gazeta* acrescentava entre os novos voluntários, “além de outros facultativos”, a “numerosa plêiade de alumnos do 4º 5º e 6º anno do curso medico”(p.13)⁽²⁷⁾. Parecia que mais uma vez teríamos os nomes dos docentes (lentes e opositores), mas não teríamos os nomes dos acadêmicos, sempre referidos de modo coletivo e não identificados pelos nomes.

Seguindo a orientação de que é sempre mais árdua a tarefa

Quadro 1. Professores da Faculdade de Medicina da Bahia participantes e condecorados na guerra do Paraguai (1865-1870).

Nome do Professor	Formatura	Condecoração na Guerra do Paraguai	Carreira docente
1. Salustiano Ferreira Souto (1814-1887)	FMB-1840	Comendador da Ordem da Rosa e Cavaleiro da Ordem de Cristo	Substituto (1845) e Lente proprietário de Química (1855) e de Medicina Legal (1857)
2. Manoel L. Aranha Dantas (1817-1875)	FMB-1835	Comendador da Ordem da Rosa e de Cristo	Lente de Patologia Externa (1837)
3. Antonio Mariano Bonfim (1820-1875)	FMB-1850	Comendador da Ordem de Cristo	Lente de Botânica e Zoologia (1862)
4. Antonio Januário de Faria (1822-1883)	FMB-1845	*referido na Gazeta Médica, sem especificá-la	Lente de Clínica Interna (1864)
5. Luis Álvares dos Santos (1825-1886)	FMB-1849	Oficial da Ordem da Rosa	Opositor e Lente de Matéria Médica e Terapêutica (1871)
6. Rosendo Aprígio Pereira Guimarães (1826-1907)	FMB-1849	Cavaleiro de Aviz (*referido por Oliveira, 1992)	Opositor de Ciências Acessórias (1859) e Lente de Farmácia (1871)
7. Joaquim Antonio de Oliveira Botelho (1827-1869)	FMB-1850	Oficial da Ordem da Rosa e Cavaleiro da Ordem de Cristo	Lente de Matéria Médica e Terapêutica, 1861.
8. Francisco Rodrigues da Silva (1830-1886)	FMB-1853	Comendador da Ordem de Cristo	Lente de Química Mineral (1858) e depois Lente de Medicina Legal (1875)
9. Domingos Rodrigues Seixas (1830-1890)	FMB-1851	Cavaleiro da Ordem de Cristo	Lente Proprietário de Higiene e História da Medicina (1858)
10. José Antônio de Freitas (1830-1894)	FM-RJ-1847	* referido por Eduardo de Oliveira (1992)	Opositor (Lente Botânica e Zoologia, 1875)
11. Pedro Ribeiro de Araújo (1831-1912)	FMB-1857	* referido por Eduardo de Oliveira (1992)	Opositor (Lente Anatomia Descritiva, 1876)
12. Augusto Gonçalves Martins (1836-1903)	FMB-1857	Cavaleiro da Ordem da Rosa	Opositor (Lente Patologia Externa, 1874)
13. Domingos Carlos da Silva (1837-1906)	FMB-1859	* referido por Eduardo de Oliveira (1992)	Opositor (Lente Patologia Externa, 1874)
14. Jerônimo Sodré Pereira (1839-1909)	FMB-1861	Cavaleiro da Ordem da Rosa	Opositor (1863) e Lente de Fisiologia (1865)
15. Manoel Joaquin Saraiva (1840-1899)	FMB-1864	Cavaleiro da Ordem do Cruzeiro, da Ordem do Cristo e da Ordem da Rosa ** Medalhas várias batalhas (Riachuelo, Humaitá, Corrientes)	Médico em 1864. Opositor de Ciências Médicas (1872) e Lente de Higiene por (1883-1899).

Quadro 2. Listagem dos Acadêmicos de Medicina do 3º ao 6º ano da FMB que foram prestar serviços médicos nos hospitais nos campos de batalha do Paraguai - até dezembro de 1866.

1	ANTONIO JOAQUIM DA SILVA LEÃO
2	ANTONIO PEDRO DA SILVA CASTRO
3	APRÍGIO MARTINS DE MENEZES
4	ARCHIMIMO JOSE CORRÊA
5	ARISTIDES FELINTO DE ALPEDEIZ
6	ARSÊNIO DE SOUZA MARQUES
7	CYRO DA SILVEIRA BASTOS VARELLA
8	ELPIDIO JOAQUIM BARAÚNA
9	FRANCISCO JOÃO FERNANDES
10	FRANCISCO LINO SOARES DE ANDRADE
11	FRANCISCO DOS SANTOS SILVA
12	JOÃO JOSÉ DE FARIA
13	JOÃO SERGIO CELESTINO
14	JOAQUIM JANUÁRIO DOS SANTOS PEREIRA
15	JOAQUIM MANOEL RODRIGUES LIMA
16	JOAQUIM MANOEL DE ALMEIDA VIEIRA
17	JOSÉ MARIANNO BARROSO
18	JOSÉ PINTO DA SILVA
19	JOSÉ PORFÍRIO DE MELLO E MATTOS
20	LADISLÁO RIBEIRO DE NOVAES
21	MANOEL IGNÁCIO LISBOA
22	PAULINO PIRES DA COSTA CHASTINET
23	PEDRO BORGES LEITÃO
24	QUINTINO ALVES MARINHO *
25	ROSENDO ADOLPHO MONIZ BARRETO
26	SATYRO DE OLIVEIRA DIAS **

* Faleceu na província argentina de Corrientes.

** Citado também no livro *Baianos Ilustres*.

FONTE: Memória Histórica de Antônio José Osório⁽²⁶⁾.

de homenagear aqueles que não estão entre os renomados, sabíamos que, na história de uma escola, a ênfase seria nos professores, sobretudo os dirigentes e titulados, nem sempre merecedores do renome. Entretanto, sob a óptica de que, numa escola, o educando é não só objeto, ele é também o sujeito da prática educacional, persistimos e conseguimos dar o nome de, pelo menos, alguns acadêmicos de medicina que, ainda muito jovens, foram voluntariamente para os campos de batalha.

Nessa busca encontramos dois documentos valiosos: o primeiro, a Memória Histórica de 1866⁽²⁶⁾, com uma listagem de alunos do 3º ao 6º ano, que foram prestar serviços médicos na guerra (Quadro 2); o segundo, um artigo na *Gazeta Médica da Bahia*, no qual o chefe interino do “Corpo de Saúde” do Exército em operações no Paraguai, Coronel Dr. Francisco Bonifácio de Abreu, buscava refutar duas acusações: 1ª – o corpo de saúde (médicos, farmacêuticos e estudantes de medicina) não enfrentava os riscos da guerra: “os médicos não morrem”; 2ª – o serviço hospitalar nos campos de operações era deficiente: “a mortalidade nos hospitais de campanha tem sido horrorosa” (p. 247)⁽¹¹⁾.

Para refutar a primeira acusação, o coronel médico

sustentou que os profissionais e estudantes tinham a seu cargo um serviço descomunal, cheio de perigo e de grande responsabilidade. Para demonstrar sua afirmativa, apresentou uma listagem com 26 nomes de médicos, estudantes de medicina das duas faculdades do Império e farmacêuticos falecidos nos campos de batalha ao cuidar dos feridos e doentes, ou por ter adquirido doenças na Campanha, como o cólera e a febre amarela, na época muito frequentes no teatro das guerras. A lista incluía três cirurgiões-mores, sete 1º cirurgiões e sete acadêmicos. Por enfermidade adquirida, foram um conselheiro, dois acadêmicos e seis farmacêuticos (Quadro 3). Dr. Abreu acreditava que havia outros falecidos na província do Mato Grosso, na desastrosa expedição em maio de 1867⁽¹¹⁾. Segundo o relato do Visconde de Taunay⁽³⁸⁾, a expedição contou apenas com dois médicos, que sobreviveram à essa “retirada da Laguna”, e nenhum aluno (p.177).

Em relação à mortalidade nos hospitais de Campanha, reconheceu erros administrativos no Corpo de Saúde e apresentou dados estatísticos em comparação com outros exércitos, em outras guerras, como os exércitos inglês e francês na guerra da Criméia e o americano na guerra civil. Advertia que o exército brasileiro não tinha a experiência de guerra dos exércitos dos países referidos e que a luta estava sendo travada nos territórios vizinhos, em condições adversas, de um clima ingrato, águas de má qualidade, com epidemias como a de cólera, que, mesmo em países ricos, vinha devastando populações⁽¹¹⁾. Apesar disso tudo, os resultados não eram desfavoráveis, pois com uma mortalidade de 13,6%, embora mais alta que a dos EUA (6,5%), era apenas um pouco acima do percentual de óbitos do exército inglês (11,9%) e abaixo da mortalidade do francês (19,57%). No segundo trimestre de 1868, segundo os dados que consta em outro documento, chegou a apresentar uma mortalidade de 8%⁽¹²⁾.

A identificação nominal dos nove acadêmicos das duas faculdades de medicina do Império, listados no Quadro 3, serve como uma homenagem aos jovens que, por razões diversas, do amor à pátria ao cálculo de garantias de privilégios prometidos pelo governo imperial, perderam a própria vida, cuidando da doença e do sofrimento de outras pessoas. Mesmo antes de formar, eles, independente da motivação guardada no foro íntimo, atualizavam na prática o que há de mais vigoroso no juramento hipocrático. Na Memória Histórica de 1866, há o registro da morte em “Corrientes”, Argentina, do acadêmico Quintino Alves Marinho da FMB, presente na lista de Abreu⁽¹¹⁾.

Para não ficarmos apenas no registro necessário da memória dos mortos, encontramos outro documento precioso que foi publicado numa nota na *Gazeta Médica da Bahia* de setembro de 1866, onde constam as condecorações (Ordem da Rosa e Ordem de Cristo) para médicos e acadêmicos de medicina por serviços prestados na guerra com o Paraguai (p.62)⁽⁸⁾. Para esta identificação dos estudantes condecorados, utilizamos também de modo complementar e como fontes secundárias a Memória Histórica da FMB de Eduardo de Sá Oliveira, referente ao ano de 1942, através da leitura sistemática

Quadro 3. Listagem dos membros do Corpo de Saúde do Exército falecidos (médicos, estudantes de medicina e farmacêuticos) em campanha no Paraguai – até dezembro de 1867.

Membros do Corpo de Saúde falecidos até Dez. 1867 mortos nas batalhas	Cargo no Corpo de Saúde
1 Dr. José Sérgio Ferreira	Cirurgião-mor de divisão
2 Dr. Pedro Tito Regis	Cirurgião-mor de brigada
3 Dr. Antônio de Jesus e Souza	Cirurgião-mor de brigada
4 Bemvenuto Pereira do Lago	1º Cirurgião
5 Francisco Mendes d'Amorim	1º Cirurgião
6 José Augusto de Souza Pitanga	1º Cirurgião
7 Cícero Alvares dos Santos	1º Cirurgião
8 João Vicente Morenelly	1º Cirurgião
9 Manoel Alves Tojal	1º Cirurgião
10 José Joaquim Rodrigues de Macedo	1º Cirurgião
11 Jesuíno Borges	Acadêmico de Medicina*
12 José Cândido Ferreira	Acadêmico de Medicina*
13 José Tavares Campos	Acadêmico de Medicina*
14 Manoel de Aguiar Freire	Acadêmico de Medicina*
15 Quintino Alves Marinho **	Acadêmico de Medicina*
16 Thomaz Chaves de Mello Ratisbona	Acadêmico de Medicina*
17 Ulysses da Silveira Bastos Varela	Acadêmico de Medicina*
Mortos por doenças adquiridas na campanha	
18 Manoel Feliciano Pereira de Carvalho	Conselheiro
19 Antônio Joaquim de Camargo e Souza	Acadêmico de Medicina*
20 Estevão José Barbosa de Moura	Acadêmico de Medicina*
21 Manoel Feliciano da Costa	Farmacêutico
22 Joaquim Cajueiro de Campos	Farmacêutico
23 Honório Fernandes Torres	Farmacêutico
24 João Francisco dos Santos Peçanha	Farmacêutico
25 Tobias Alvim do Amaral	Farmacêutico
26 Francisco de Paula da Silveira Sales Riera	Farmacêutico

* Não foi possível estabelecer a Faculdade de Medicina (Bahia ou Rio de Janeiro) que os acadêmicos pertenciam, exceto Quintino Alves Marinho **, que está na listagem dos estudantes baianos que foram a guerra, feita pelo memorialista Antônio José Osório⁽²⁶⁾.
 FONTE: Corpo de Saúde, 1868a, p. 247⁽¹¹⁾.

da 2ª parte - Galeria dos Retratos dos Professores Falecidos⁽²⁵⁾; e o livro “Baianos Ilustres” de Souza⁽³⁷⁾, publicado pela primeira vez em 1949. Com essas três fontes de dados construímos a listagem abaixo, seguramente incompleta das condecorações de estudantes de medicina da FMB na guerra do Paraguai até 1866:

I - ORDEM DA ROSA – Cavaleiros:

- José de Teive Argollo (estudante do 4º ano da FMB)
- José Alves de Melo (acadêmico voluntário condecorado na Guerra do Paraguai)

II - ORDEM DE CRISTO - Cavaleiros:

- José de Teive Argollo (Estudante do 4º ano da FMB)
- Arthur César Rios (idem)
- Raymundo Caetano da Cunha (Estudante do 5º ano da FMB)
- Izidoro Antonino Nery (Estudante do 6º ano da FMB)

- Pedro Gomes de Argollo Ferrão (idem)
- Sátiro de Oliveira Dias.

Como se observa na listagem acima, o nome que se destaca é o de José de Teive Argollo, estudante do 4º ano da FMB, condecorado tanto com a Ordem da Rosa quanto com a Ordem de Cristo. Depois de formado, Teive Argollo teve uma experiência administrativa no campo da Psiquiatria, pois foi o segundo diretor médico do Asilo São João de Deus, no período de 1877 a 1879, tendo infelizmente adoecido e morrido precocemente, em dezembro de 1879. Como administrador do manicômio ele enfrentou dificuldades financeiras, mas tomou medidas racionalizadoras⁽²²⁾. Foi substituído pelo também jovem médico, Anísio Circundes de Carvalho.

Outro destaque é o nome do acadêmico José Alves de

Quadro 4. Médicos egressos da FMB que se destacaram no período histórico analisado (1808-1870).

* I - Luta da Independência do Brasil na Bahia (1823)	Antônio José de Souza e Aguiar - Cirurgião-mor da 3ª Brigada do Exército Brasileiro e Manoel José Bahia - Cirurgião-mor da 4ª Brigada, formados antes de 1832.
* II - Luta pela Independência e do Movimento federalista da Bahia de 1837	Francisco Sabino Alves da Rocha – Cirurgião-mor do exército e líder do movimento Federalista (“Sabinada”).
* III - Precursor da iluminação por energia elétrica no Brasil	Malaquias Álvares dos Santos – Iluminação por algumas horas de uma instituição pública (FMB) em 1855 (1ª vez no Brasil). Formado em 1839, foi o 1º memorialista da faculdade.
* IV - Combate à epidemia de cólera morbo (1855-56)	José de Góes Siqueira - inspetor de saúde pública; em 1855. Colou grau em 1840 e tornou-se lente de Patologia geral da FMB; Antônio de Cerqueira Pinto – Formou em 1842, lente substituto em 1855 e depois lente de Química Orgânica em 1858. Foi diretor da FMB de 1891 a 1895. Cypriano Barbosa Bettamio – médico enviado pelo Presidente da Província a Santo Amaro. Faleceu na luta para a desinfecção da cidade. Joaquim Antônio de Oliveira Botelho - médico enviado pela Comissão de Higiene Pública para Cachoeira-BA, condecorado pela população com medalha de ouro.
* V - Servidores que estudaram na FMB tornaram professores.	Jonathan Abbott – servente e estudante da Escola Médico-e se Cirúrgica de 1816-1820. Lente proprietário de Anatomia descritiva em 1828. Fundador do Gabinete de Anatomia. João Batista dos Anjos – porteiro e estudante, tendo se formado em 1828. Diretor da FMB de 1857 a 1871.
* VI - Médicos voluntários condecorados na guerra	Aristides César Spínola Zama – formado em 1858, trabalhou nos do Paraguai (1865-70) “hospitais de sangue” até o fim da guerra. Manoel Joaquim Saraiva - Formado em 1864, condecorado na guerra como médico. Como docente, foi opositor de Ciências Médicas (1872) e lente de Higiene (1883)
VII - Membro fundador da 'escola tropicalista baiana' Gazeta Médica da Bahia.	José Francisco da Silva Lima – formado em 1851, um dos e da fundadores da escola tropicalista, principal colaborador da Gazeta. Estudioso do ainhum e do beribéri.

Mello, afro-descendente, num cenário ainda sob o regime escravista, o jovem estudante negro, voluntariamente foi servir nos campos de batalha daquela guerra “maldita”. Depois da guerra, ele retornou à FMB, formando-se em 1871. Logo em seguida, fez concurso para Opositor na Seção de Ciências Acessórias (1873). Com o Decreto de 22 de setembro de 1875, foi transformado de Opositor na classe de Lente Substituto e, em 1877, tornou-se lente de Física Médica. O Governo republicano Provisório privou a “Faculdade do seu concurso, fulminando-o com um decreto de jubilação forçada, cuja clamorosa injustiça não podia deixar de abater-lhe profundamente o moral, concorrendo para adensar as trevas em se mergulhou mais tarde o seu espírito” (Alfredo Brito. MH de 1900 *apud* Eduardo Oliveira, MH de 1942, p.218)⁽²⁵⁾. O

Prof. Alves de Mello, ao ser jubilado da Faculdade, foi obrigado a procurar trabalho para subsistir. Voltou a clinicar, fora da Bahia, terra natal que não mais retornou. A FMB, como um ato de desagravo, pela injustiça governamental, colocou solenemente o seu retrato na Galeria dos Lentes e Catedráticos, em sua sede no Terreiro de Jesus (Figura 1).

Entre os “baianos ilustres” do século XIX, Souza⁽³⁷⁾ cita também o médico Sátiro de Oliveira Dias (1844-1913), que, “ainda estudante, quando eclodiu a Guerra do Paraguai, ofereceu seus serviços ao Governo”(p.155). Foi agraciado com a medalha da Campanha e a de Cavaleiro da Ordem do Cristo. Depois, Dr. Sátiro Dias se tornou um político influente, tendo sido presidente de várias províncias, inclusive a do Ceará, no momento que aquela província do Império, de modo precursor,

Quadro 5. Acadêmicos destacados na história da FMB*. Síntese do Período Analisado (1808-1870).

- Luta da Independência do Brasil na Bahia (1823)
João Antunes de Azevedo Chaves (1805-1873)*
- Combate à epidemia de cólera morbo (1855-56)
O paraibano Antônio da Cruz Cordeiro
O baiano Alexandre José de Barros Bittencourt
- Estudante destacado por Pedro II em sua visita à FMB (1859)
Joaquim Andrade Muniz Barreto (6º ano)
- Acadêmicos voluntários condecorados na guerra do Paraguai (1865-70)
José de Teive Argollo (4º ano)
Arthur César Rios (4º ano)
Raymundo Caetano da Cunha (5º ano)
Izidoro Antonino Nery (6º ano)
Pedro Gomes de Argollo Ferrão (6º ano)
José Alves de Melo
Sátiro de Oliveira Dias
- Estudante laureado pela FMB em 1866 e membro fundador da 'escola tropicalista baiana' e da Gazeta Médica da Bahia.
Antônio Pacífico Pereira

(* Este quadro cita apenas os nomes daqueles que se destacaram no período de sua formação médica. (**) Por dedução do autor, pela sua idade no período das lutas. Como nos outros acontecimentos referidos nesse estudo, muitos acadêmicos não serão nomeados, pois, até agora, não obtivemos documentos e, seguramente, para muitos, o passado não deixou registro.

fez a emancipação completa de seus escravos, em 1884.

Encontramos também registro de um recém-formado (em 1864), o médico Manuel Joaquim Saraiva, que fez toda a campanha do Paraguai, tendo sido obtido várias condecorações: Cavaleiro da Ordem do Cruzeiro, da Ordem do Cristo e da Ordem da Rosa e recebeu medalhas por várias batalhas (Riachuelo, Humaitá, Corrientes), “mostrando-se sempre um bravo nos momentos mais decisivos das batalhas” (p.216)⁽²⁵⁾. Como se observa no Quadro 1, Saraiva tornou-se professor opositor em 1872 e lente de Higiene em 1883. Outro médico e depois político com atuação nacional, Dr. Cezar Zama, formado em 1858, destacou-se também lutando como voluntário nos “hospitais de sangue” até o fim da guerra⁽³⁷⁾.

Esse grande envolvimento não só de professores, mas também de estudantes e médicos, onde alguns deles se tornariam posteriormente também docentes da FMB, trouxe conseqüências institucionais e acadêmicas para a primeira faculdade de medicina do país.

Uma das conseqüências, muito criticada pelo corpo

docente da FMB e pela direção da *Gazeta Médica da Bahia*, foi a resolução do governo imperial que abonava as faltas dos acadêmicos voluntários na guerra, concedia a matrícula no ano seguinte e praticamente os aprovava sem a frequência regular. Para os professores foram suspensos os concursos, e o serviço na guerra serviria como critério de desempate⁽⁷⁾.

Em editorial, a *Gazeta Médica*, ao analisar as memórias históricas da Bahia e do Rio de Janeiro, concorda com o memorialista da faculdade na sede do Império, Antônio Teixeira da Rocha, que, embora julgasse louváveis e relevantes os serviços prestados pelos acadêmicos na guerra, não aceitava que eles fossem por isso dispensados do estudo e da frequência dos cursos e dos exames⁽²⁴⁾. A Gazeta refere que

Figura1. José Alves de Melo (1847-1901). Acadêmico condecorado na guerra do Paraguai. Formado pela FMB em 1871 e depois Professor Opositor em 1873 e Lente de Química (1875) e de Física Médica (1877).



um aluno foi reprovado e o governo imperial obrigou a faculdade a submetê-lo a um novo exame (p. 278)⁽²⁴⁾.

Assim como na epidemia de cólera, em 1855, o governo imperial interferiu na autonomia da escola médica, quando suspendeu as atividades da Faculdade de 4 de setembro a 14 de novembro de 1855⁽¹⁵⁾, novamente feriu a autonomia acadêmica com a resolução referida, pois o estatuto da FMB determinava que com 40 faltas, mesmo justificadas, equivalia a perda do ano letivo⁽³⁴⁾.

Outra conseqüência da participação de membros da comunidade da FMB na guerra, desta vez positiva, relaciona-se ao ensino prático na Faculdade. Demetrio Cyriaco Tourinho, memorialista de 1870, como muitos outros já tinham feito [Siqueira na Memória Histórica (MH) de 1858, Freitas na MH de 1863 e Souto na de 1869]⁽³⁴⁾ -, criticava a falta de ensino prático, sentida pelos membros da FMB na guerra, chegando a indagar: “Onde está nosso ensino prático? Nossos laboratórios? Nossos exercícios práticos?” (p.15)⁽⁴³⁾. Ele reconhecia que o nosso modelo médico tinha um atraso de trinta anos em relação à Europa, em especial à Alemanha, que, para esse professor, já superava o modelo francês.

Figura 2. Antônio Pacífico Pereira (1846-1922). Acadêmico formado e laureado pela FMB em 1867. Membro fundador da Escola Tropicalista da Bahia ainda como estudante da FMB. Opositor de Cirurgia em 1871, Lente de Anatomia e depois de Histologia, a partir de 1882. Diretor da FMB de 1895 a 1898.



O Prof. Luiz Anselmo da Fonseca, memorialista de 1891, considerou que a guerra do Paraguai teve um efeito positivo para a FMB, pois o exercício da medicina na campanha em condições adversas despertou o interesse pelos estudos práticos nos professores, estudantes e egressos da faculdade que depois se tornaram docentes⁽³⁴⁾.

Um Acadêmico Laureado na 'Escola Tropicalista da Bahia'

Nesse período da guerra do Paraguai, surgiu na Bahia, em 1866, a *Gazeta Médica da Bahia*, revista científica de existência longa, que serviu de veículo para as pesquisas originais de uma "associação de facultativos". Uma constatação importante para o nosso objetivo neste trabalho foi a presença de um acadêmico entre os fundadores da *Gazeta Médica da Bahia*: "já ligado ao grupo desde os tempos acadêmicos" (p.12)⁽⁴⁴⁾. John Paterson⁽²⁸⁾, um dos fundadores da associação e da revista, num artigo que descreve a ligadura da artéria femoral num caso de elefantíase, cita nominalmente entre os que o ajudaram os alunos de medicina A. Pacífico Pereira e Gentil Pedreira. O sextanista Antônio Pacífico Pereira foi o estudante laureado pela FMB em 1867 e, conforme testemunho de Luís Anselmo da Fonseca⁽²⁰⁾, assim que deixou "os bancos escolares" (p. 253) em novembro daquele ano, foi escolhido para dirigir a revista, substituindo o Prof. Virgílio Clímaco Damázio, a partir de janeiro de 1868.

Em editorial, o Prof. Virgílio Damázio⁽¹³⁾ ressaltou as qualidades do 'jovem colega' - Pacífico Pereira acabava de formar - e deu um importante testemunho do papel do acadêmico na revista: "A *redacção da Gazeta Medica encontrou sempre n'elle um prestimoso auxiliar e um activo*

colaborador" (p.133). O novo editor dirigiu a *Gazeta* até 1870, quando se afastou a fim de se preparar para o concurso de opositor na seção de Cirurgia na FMB e, em seguida, viajou à Europa para estudos. Valle⁽⁴⁴⁾ garante que, pela mediação de Paterson, recebeu lições sobre antissepsia cirúrgica de Lister, em Edimburgo. Em 1876, depois de duas interrupções da revista, reassumiu a direção e a manteve sem interrupções até 1920, quando adoeceu, vindo a falecer dois anos depois. Professor desde 1871, foi catedrático de Histologia de 1883 até 1912, quando se aposentou (Figura 2).

O outro pilar de sustentação da *Gazeta*, José Francisco da Silva Lima, embora português, formou-se pela FMB em 1851. Logo, a *Gazeta Médica da Bahia* teve como sustentação dois egressos da faculdade.

Entre os seus inúmeros méritos, Pacífico Pereira, que recebeu o título de *Praeceptor Brasiliae*^(25,44) tem como maior feito ter pertencido desde acadêmico à geração dos fundadores da chamada "escola tropicalista baiana"⁽⁹⁾ e ter tido a competência de dirigir por quase 50 anos (1868-1870; 1876-1920) a *Gazeta Médica da Bahia* considerada como um dos patrimônios culturais da história da medicina brasileira.

Considerações Finais

No período analisado, nas seis primeiras décadas da primeira escola médica do país (1808-1870), identificamos nos acontecimentos destacados o acadêmico de medicina como protagonista dessa história. Fazer a história fica no limite do que a história nos legou e o legado está muito vinculado ao poder. Encontrou-se com muito mais facilidade e riqueza de registros o papel dos professores, sobretudo os dirigentes e catedráticos, mas conseguimos obter registros da atuação dos estudantes, predominantemente de modo coletivo e não nomeados. Acreditamos que outras pesquisas podem ampliar tal identificação, que responde ao critério de justiça histórica, porém, com algum esforço, conseguimos identificar alguns relacionados a ações relevantes, que servem com símbolos de todos aqueles que participaram dos eventos referidos.

Desde os primeiros anos, tivemos alguns registros da participação de estudantes, professores e de médicos formados pela escola que lutaram na guerra da independência em 1823. Outro momento de destaque foram as epidemias de febre amarela (1849) e cólera (1855-1856). Se em relação a primeira este trabalho fica devendo ao leitor (que esta lacuna sirva como convite aos novos pesquisadores em história), na segunda foi possível identificar a dedicação de muitos acadêmicos e o sacrifício de alguns, que ficou num registro sem nomes e no destaque de um testemunho.

O Imperador, em sua visita à Faculdade primaz do país, que consideramos um qualificado avaliador externo da escola médica, entre tantas críticas e alguns elogios ao corpo docente, destacou o desempenho de um acadêmico, nomeando em seu diário de viagem.

Por fim, na participação da comunidade da Faculdade na campanha do Paraguai, identificamos tanto o registro das condecorações quanto do sacrifício daqueles jovens que

perderam a vida, prestando serviços para tratar, curar ou aliviar o sofrimento daqueles que estavam no cenário dessa “guerra maldita”. Por outro lado, nesse período bélico, servindo como um contraponto, a medicina baiana e brasileira viu nascer uma das mais criativas experiências de associação médica e criação de literatura médica com a ‘escola tropicalista’, que teve um acadêmico entre seus fundadores e, assim que formou, assumiu a direção da *Gazeta Médica da Bahia*, tendo sido um dos seus mais sólidos pilares.

Como uma síntese para o período estudado, construímos dois quadros: o Quadro 4 com médicos egressos da FMB que se destacaram no período analisado, inclusive dois servidores do Colégio Médico-cirúrgico que se tornaram professores; e o Quadro 5, onde, de modo sintético, estão listados os acadêmicos que, nomeados e com os méritos identificados, eles simbolizam a força coletiva de todos os estudantes que, como o principal sujeito de uma instituição escolar, foram os agentes principais na construção da história da FMB nos períodos analisados.

Continuaremos a pesquisa, tomando como novo desafio a análise da participação da FMB, e dos seus acadêmicos em particular, na campanha abolicionista e contra a discriminação racial, bem como no movimento republicano e na guerra de Canudos. Mas, essa será uma outra história...

Agradecimentos

Ao Prof. Fernando Martins Carvalho, Professor Titular do Departamento de Medicina Preventiva e Social – FMB-UFBA, pela leitura crítica e sugestões. Aos funcionários do Memorial de Medicina da FMB-UFBA Ademir Silva, Eliane da Cruz Santiago, Francisca da Cunha Santos e Vilma Lima Nonato de Oliveira.

Referências

1. ALCALÁ GR. Herói ou tirano? *Nossa História* 2: 34-37, 2004.
2. BENJAMIN A, OSBORNE P (org.). A filosofia de Walter Benjamin: destruição e experiência. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
3. BLOCH M. Introdução à história. (*Apologie pour l'histoire ou Métier d'historien*). ed. crítica, Mem Martins-Portugal, Publicações Europa-América, 1997.
4. BONALUME NETO R. Sangue no Prata. *Nossa História* 2: 24-26, 2004.
5. BUENO E. Brasil, uma história. 2ed.rev. São Paulo: Ática, 2003.
6. CHIAVENNATO JJ. Genocídio americano: a Guerra do Paraguai. São Paulo: Brasiliense, 1979.
7. CONCESSÕES E GARANTIAS AOS PROFESSORES, OPOSITORES E ALUNOS DAS FACULDADES DE MEDICINA EM SERVIÇO NO EXÉRCITO. *Gazeta Médica da Bahia* 1: 61-62, 1866.
8. CONDECORAÇÕES NA CLASSE MÉDICA. *Gazeta Médica da Bahia* 1: 62, 1866.
9. CONI AC. Escola Tropicalista Bahiana. Salvador: Livraria Progresso, 1952.
10. CORPO DE SAÚDE DO EXÉRCITO EM CAMPANHA. Estatística trimestral. *Gazeta Médica da Bahia* 3: 133, 1867.
11. CORPO DE SAÚDE DO EXÉRCITO EM OPERAÇÕES NO PARAGUAI. Correspondência científica. *Gazeta Médica da Bahia* 2: 246-248, 1868a.
12. CORPO DE SAÚDE DO EXÉRCITO EM CAMPANHA. Estatística trimestral. *Gazeta Médica da Bahia* 3: 43-45, 1868b.
13. DAMAZIO VC. Bahia 30 de dezembro [Editorial]. *Gazeta Médica da Bahia* 2:133,1867.
14. DANTAS MLA. Memória histórica dos acontecimentos notáveis do ano de 1855 apresentada à Faculdade de Medicina da Bahia. Bahia: Typographia e Livraria de E. Pedroza, 1856.
15. DAVID OR. O inimigo invisível: epidemia na Bahia no século XIX. Salvador: EDUFBA/Sarah Letras, 1996.
16. DORATIOTO F. Diplomacia de guerra. *Nossa História* 2: 18-23, 2004.
17. _____. Guerra do Paraguai. In: Magnoli D (org.), *História das guerras*. São Paulo: Contexto, 2006.
18. ENERGIA ELÉTRICA NO BRASIL, 500 ANOS. Rio de Janeiro: Centro de Memória da eletricidade no Brasil, 2000.
19. FONSECA LA. Memória Histórica da Faculdade de Medicina da Bahia relativa ao ano de 1891. Bahia: Diário da Bahia, 1893.
20. _____. Dr. Pacífico Pereira. *Gazeta Médica da Bahia* 30: 251-260, 1898.
21. IZECKSOHN V. Recrutadas da pátria. *Nossa História* 2: 31, 2004.
22. JACOBINA RR. A prática psiquiátrica na Bahia (1874-1947) [Tese de Doutorado em Saúde Pública]. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública – Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ/MS), 2001.
23. MAGNOLI D. No Espelho da Guerra. In: Magnoli D (org.), *História das guerras*. São Paulo: Contexto, 2006.
24. MEMÓRIAS HISTÓRICAS DAS FACULDADES DE MEDICINA DA BAHIA E DO RIO DE JANEIRO. *Gazeta Médica da Bahia* 3: 277-278, 1869.
25. OLIVEIRA ES. Memória histórica da Faculdade de Medicina da Bahia, concernente ao ano de 1942. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1992.
26. OSÓRIO, AJ. Memória histórica da Faculdade de Medicina da Bahia do ano de 1866.[s.n.t.]
27. PARTIDA DE MÉDICOS PARA O EXÉRCITO. *Gazeta Médica da Bahia* 1: 13-14, 1866.
28. PATERSON JL. Caso de elephancia tratado com proveito pela ligadura da artéria femoral. *Gazeta Médica da Bahia* 1: 220-222, 1867.
29. PEDRO II. Imperador do Brasil. Viagens pelo Brasil: Bahia, Sergipe e Alagoas [Diário da Viagem ao norte do Brasil]. Rio de Janeiro: Bom Tempo; Letras& Expressões, 2003.
30. PEREIRA JS. Memória histórica dos acontecimentos mais notáveis da Faculdade de Medicina da Bahia no ano de 1865. Salvador, s/d.
31. PINHO, JWA. A cholera morbus de 1855 e o papel de Cypriano Betâmio. *Revista do Instituto Geográfico-Histórico da Bahia*, Salvador, 46:141-153, 1920.
32. PUPO D. Doutor Sabino. Rebeldes brasileiros: Homens e mulheres que desafiaram o poder. São Paulo: Coleções Caros Amigos, p.144-160, s/d.
33. REIS JJ. A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia de Letras, 1991.
34. RIBEIRO MAP. A Faculdade de Medicina na visão de seus memorialistas (1854-1924). Salvador: EDUFBA, 1997.
35. SALLES R. Um tiro na escravidão. *Nossa História* 2: 27-33, 2004.
36. SANTOS, MA. Memória Histórica da Faculdade de Medicina da Bahia relativa ao ano de 1854. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1905.
37. SOUZA AL. Baianos ilustres (1567-1925). 3ed.rev. São Paulo: Ibrasa; Brasília:INL, 1979.
38. TAUNAY Ad'E. A Retirada da Laguna. São Paulo: Martin Claret, 2005.
39. TAVARES LHD. História da Bahia. São Paulo: UNESP; Salvador: EDUFBA, 2001.
40. _____. Independência do Brasil na Bahia. Salvador: EDUFBA, 2005.
41. Teixeira C. História da energia elétrica na Bahia. Salvador: EPP Publicações e Publicidade, 2005.
42. TEIXEIRA R. Apresentação. In: Bastianelli Luciana. (compl.) *Gazeta Médica da Bahia, 1866-1934/1966-1976*, por uma Associação de Facultativos, compilação e pesquisa. Salvador: Contexto, 2002.
43. TOURINHO DC. Memória histórica dos acontecimentos mais notáveis ocorridos no ano de 1870 na Faculdade de Medicina da Bahia. Bahia, s/d.
44. VALLE JR. Subsídios a História da ‘Gazeta Médica da Bahia’. *Brasiliensia Documenta* 9: 9-14, 1974.